

SUMÁRIO E CONCLUSÕES

Neste capítulo, analisamos o preconceito considerando alguns dos seus vastos aspectos psicossociais. Apresentamos algumas definições do fenômeno na psicologia social, considerando-o ora como uma atitude voltada para a manutenção de hierarquias identitárias, ora como uma estratégia psicopolítica de dominação e poder sobre os outros. Importante reter dessa parte que a noção de preconceito adotada dependerá do contexto das relações intergrupo, dos interesses nela envolvidos e dos grupos (maioria e minoria) envolvidos.

Também analisamos algumas das principais explicações da psicologia social para a existência dos preconceitos. O preconceito é um fenômeno complexo, multicausado, de forma que duas explicações diferentes podem estar “corretas” ao mesmo tempo, ou, ao menos, cada uma pode explicar uma parte diferente da realidade do fenômeno (BILLIG, 1984). Para melhor compreendê-lo, é importante considerar todas as “partes do elefante” e todas as teorias sobre cada parte. A análise do preconceito, de forma particular, e dos conflitos intergrupais, de forma geral, invoca estudos sobre a percepção de pessoas, atitudes, agressão, autoestima, comparação social, personalidade, identidade, igualdade, individualismo, competição, conformidade social, dentre outros. Trata-se de um fenômeno cujas explicações, necessariamente, devem atravessar níveis de análise, dos mais

individuais, neurais e cognitivos aos mais ideológicos, econômicos e culturais, como nos ensinam os psicólogos sociais (BREWER, 1994; CAMINO, 1996; DOISE, 1976). Importante reter das explicações sobre as causas do preconceito a sua complementaridade, como foi expressa no “telescópio” de Allport (1954).

Na parte final do capítulo, analisamos dois processos cognitivos que interferem na formação e formas de expressão do preconceito: os processos automáticos ou inconscientes e os controlados. Há, na psicologia social, vasta literatura sobre expressões do preconceito (ver LIMA, 2013 para uma revisão), passamos na tangente dessa discussão para focar de forma introdutória os planos implícitos, privado e público de expressão da atitude preconceituosa. Navegamos num mar de influências que muitas vezes nos conduzem feito autômatos a certas “paisagens” e formas de vê-las, mas podemos assumir o controle desses processos. Tal controle é ao mesmo tempo cognitivo e social, pois marca a influência da cultura sobre os indivíduos e dos indivíduos sobre as culturas.

No capítulo seguinte, analisaremos o racismo, novamente à luz das teorias e métodos da psicologia social. Alguns conceitos e teorias já apresentados serão aprofundados, outros serão introduzidos, para, no final do texto, discutirmos formas de combate ao preconceito e ao racismo.

Em seguida, fazemos algumas sugestões de material e recursos para ilustração e aprofundamento sobre o tema do preconceito.

4.1 ALGUMAS SUGESTÕES DE RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA APROFUNDAMENTO

- O documentário sobre o exercício “*Blue eyes–Brown eyes*” de Jane Elliott. Trata-se de uma dinâmica conduzida pela professora na sua classe de alunos, em 5 de abril de 1968, um dia após o assassinato de Martin Luther King Jr. Os alunos são divididos pela cor dos olhos e à diferenciação é acrescida uma distintividade positiva, que produz conflito intergrupal e preconceito. Acessível em <https://youtu.be/AeiXBLA1LpQ>
- O documentário “It’s a Girl” com direção de Evan Grae Davis, produzido pela Shadowline Films, conta histórias sobre o genocídio de crianças do sexo feminino na Ásia. Acessível em https://www.youtube.com/watch?v=6m3M_oHslQE
- Sobre processos cognitivos automáticos e controlados recomendamos um vídeo-aula. Acessível em <https://study.com/academy/lesson/controlled-vs-automatic-processing-definition-difference.html>

- Sobre julgamentos sociais e preconceito sugerimos o filme “Doze homens e uma sentença”, dirigido por Sidney Lumet, no qual é retratado o julgamento de um jovem porto-riquenho acusado de assassinato. Também vale a pena o quarto episódio da primeira temporada da série de TV “Cem humanos”.

4.2 SOBRE TEXTOS PARA UMA BOA INTRODUÇÃO À TEMÁTICA RECOMENDAMOS

- Allport, G. W. (1954/1979). *The nature of prejudice*. 3ª Ed. Wokingham: Addison-Wesley.
- Lima, M. E. O. (2013). Preconceito. In A. R. R. Torres, L. Camino, M. E. O. Lima e M. E. Pereira (Org.). *Psicologia Social: Temas e Teorias* (pp. 589-642). Brasília: Technopolitik.
- Torres, A. R., Camino, L. (2013). Grupo social, relações intergrupais e identidade social. In A. R. R. Torres, L. Camino, M. E. O. Lima e M. E. Pereira (Ed.), *Psicologia Social: Temas e Teorias* (pp. 513-538). 2ª ed. Brasília, DF: TechnoPolitik.
- Pereira, C., Torres, A. R. R., & Almeida, S. T. (2003). O preconceito na perspectiva das representações sociais: Análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107.
- Evans, J. St. B. T. (2008). Dual-Processing Accounts of Reasoning, Judgment, and Social Cognition. *Annual Review of Psychology*, 59, 255-278.

O RACISMO

APRESENTAÇÃO

O racismo, ao mesmo tempo em que acompanha a história da humanidade, ameaça sua continuidade. Ele se tornou uma das questões mais atuais e pertinentes, com impactos no bem-estar psicológico das suas vítimas, nas suas oportunidades de vida e de emprego, no desenvolvimento econômico das sociedades e mesmo na violência individual e coletiva, resultando na busca pelo extermínio da diferença, como vimos em 2019 em duas Mesquitas na Nova Zelândia, onde 50 pessoas foram assassinadas por um atirador islamofóbico. Podemos dizer que o mundo vive agora um momento em que o termo “racismo”, infelizmente, será cada vez mais usado (BOBO, 2017; LIMA, 2019).

Na primeira metade do século XX, o nazismo fez a humanidade viver as mais flagrantes violências perpetradas pelo racismo, culminando na morte de mais de seis milhões de pessoas em campos de concentração. Mas a violência racista segue um diapasão crescente, partindo de, aparentemente, pequenos e muitas vezes não conscientes atos ou omissões, para descambar na “banalização do mal” e extermínio do outro rotulado como diferente. Ilustrativo da forma como opera a lógica racista *é* o seguinte poema de Martin Niemöller, um pastor luterano alemão, comentando sobre a *época* do nazismo:

Quando os nazis vieram buscar os comunistas, eu fiquei em silêncio; eu não era comunista.

Quando eles prenderam os sociais-democratas, eu fiquei em silêncio; eu não era um social-democrata.

Quando eles vieram buscar os sindicalistas, eu não disse nada; eu não era um sindicalista.

Quando eles buscaram os judeus, eu fiquei em silêncio; eu não era um judeu.

Quando eles me vieram buscar, já não havia ninguém que pudesse protestar.”^{XVI}

Joseph Goebbels, ministro da propaganda no regime nazista, colaborou de forma decisiva para a exibição do filme “O judeu Eterno” em 1940. O filme, dirigido por Fritz Hippler, usa uma estratégia de documentário para apresentar os judeus como parasitas que exploravam o povo alemão. São retratadas cenas de guetos de judeus pobres na Polônia, numa montagem que justapõe a essas imagens ratos saindo de um esgoto, enquanto o narrador refere que “como os ratos são os vermes do reino animal, os judeus são os vermes da raça humana” que espalham doenças e corrupção^{XVII}.

Quase 80 anos depois, nos Jogos Jurídicos Estaduais de 2018, em Petrópolis no Rio de Janeiro, aconteceram três episódios envolvendo estudantes que faziam parte da torcida da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC – RJ): uma estudante jogou uma casca de banana na direção de um atleta negro da Universidade Católica de Petrópolis; outros alunos, durante uma partida de basquete, imitaram macacos diante dos torcedores negros da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; no mesmo dia, noutra competição, membros da mesma torcida chamaram uma das jogadoras da Universidade Federal Fluminense de macaca^{XVIII}.

Os relatos apresentados nos permitem perceber algumas marcas importantes do racismo: 1) ele atua como uma forma de desumanização do outro, assumindo manifestações variadas, tais como desindividuação, animalização, deslegitimação, objetificação e exclusão moral; 2) ele ocorre tanto em setores menos escolarizados da população, quanto nos mais escolarizados; 3) ele é um problema antigo e, ao mesmo tempo atual, que atravessa a história da humanidade.

Desde a antiguidade Greco-Romana até hoje, avançamos muito em termos de direitos humanos e de estratégias de resolução dos conflitos intergrupais. No entanto, sabemos que o racismo está longe de ser debelado e que tem ressurgido sob novas e mais sofisticadas roupagens.

Vivemos, na maior parte dos atuais contextos sociais, um racismo sem raças e sem racistas. Raramente alguém afirma hoje em dia que acredita em hierarquias raciais ou que se considera racista. De fato, uma pesquisa realizada junto a uma amostra representativa da população brasileira, na década de 1990, indicou que quase 90% dos entrevistados se considera não racista, ao mesmo tempo em que igual percentagem acredita que existe racismo no Brasil (TURRA & VENTURI, 1995). Dez anos depois, o mesmo padrão de resultados se manteve: dados da Fundação Perseu Abramo indicaram que 87% dos entrevistados afirmavam haver racismo no Brasil, mas somente 4% se reconheciam racistas (SANTOS & SILVA, 2005). O mesmo tipo de dissociação entre crenças coletivas e pessoais é encontrado em estudantes universitários (CAMINO, SILVA, & MACHADO, 2004).

Neste capítulo, analisamos, à luz da psicologia social, a forma como o racismo se expressa e se adapta a novos contextos. Iniciaremos nossa análise por uma discussão conceitual, para em seguida focalizarmos as mais recentes formas de expressão e níveis de manifestação do racismo.

